



<http://pev-proex.uergs.edu.br/index.php/xsiepex/index>

ISSN do Livro de Resumos: 2448-0010

DA ORDEM DOMÉSTICA: ENTRE O JARDIM E A VARANDA

Bruno de Andrade Campos, Larissa Borges Ferreira,
Orientadora Prof^ª. Dra. Mariana Silva da Silva

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)

bruno-campos@uergs.edu.br; larissa-ferreira@uergs.edu.br; mariana-silva@uergs.edu.br

Resumo

O projeto de pesquisa *Da ordem doméstica: entre o jardim e a varanda* foi elaborado a partir do conceito de *infraordinário* criado pelo autor francês Georges Perec (1936-1982). As investigações tiveram como objetivo inventar práticas investigativas em artes visuais baseadas no cotidiano. A proposta metodológica focou sua pesquisa acadêmica no campo das Poéticas Visuais, consistindo assim, além de leituras centradas nos campos das artes visuais, da filosofia e da sociologia, práticas artísticas desenvolvidas por cada integrante da pesquisa, destacando-se como alicerce teórico os estudos de Blanchot, Coccia e Perec. O presente texto, parte de escritas poéticas, fotografias, vídeos, desenhos e mapas mentais, que relatam o desenvolvimento dos processos poéticos, que acabaram por realizar um olhar sobre o jardim como ateliê, e a varanda como espaço de experiência em imersão no cotidiano e nas relações com a natureza. As experiências artísticas foram produzidas no entorno da cidade de Montenegro, no Rio Grande do Sul, em dois lugares distintos, que dialogam-se constantemente, pois ambos se encontram no ambiente doméstico.

INTRODUÇÃO

Da ordem doméstica: entre o jardim e a varanda surge a partir do interesse em pesquisar as relações do *Infraordinário* como método de investigação do cotidiano. O conceito de *Infraordinário* foi criado por Georges Perec e desenvolvido em seu livro *L'Infra-ordinaire (O infraordinário, 2011/2017)*, em que o autor apresenta suas observações cotidianas a partir de descrições de coisas banais da vida, trazendo como foco tudo que é ordinário, ou seja, o contrário do que seria o extraordinário. Desta forma, o autor interroga o que é habitual, e tudo aquilo que acontece enquanto não percebemos que está acontecendo.

No início da pesquisa, percebe-se o interesse comum dos bolsistas Bruno de Andrade, Larissa Borges e da orientadora Mariana Silva da Silva em investigar a natureza e a relação com o cotidiano, assim, cada um passou a explorar e analisar suas experiências cotidianas em seu próprio ambiente doméstico. Iniciando-se a pesquisa em agosto de 2020 na cidade de Montenegro no Rio Grande do Sul, onde se localiza os espaços pesquisados, Bruno no jardim e Larissa em sua varanda. Essa investigação, tornou-se em um momento de pandemia, o único respiro que tivemos diante do cotidiano da casa, forçando-nos a ampliar as fronteiras do lugar onde vivemos e a observar de um modo mais minucioso os pequenos acontecimentos para além das paredes da casa. No processo em que cada um



moveu-se para rever o próprio cotidiano, tal movimento acabou por apontar sempre estarmos em contato com outros viventes. Neste sentido, Coccia sintetiza:

Estar-no-mundo significa, pois, exercer influências sobretudo fora do lar, fora de seu próprio habitat, fora de seu próprio nicho. Sempre se habita a totalidade do mundo, que é e sempre será infestada pelos outros. (COCCIA, 2018, p.47).

A pandemia do Covid-19 nos privou do acesso à rua, então, ir para o jardim e a varanda em busca desse encontro com o que nos foi privado, é como um instinto de um ser vivente, assim como as plantas que se encontram com a luz solar. Coccia afirma que nossa casa lar não nos protege. Pode nos matar. Você pode morrer de "lar" em excesso (COCCIA, 2020, p.02).

METODOLOGIA

A proposta metodológica enfoca uma pesquisa acadêmica baseada no campo das Poéticas Visuais. As discussões teóricas partiram de Perec e de artistas e autores que tangenciam o cotidiano e o infraordinário, conceito perequiano essencial para muitos artistas, escritores e professores na contemporaneidade.

Levando-se em conta a necessidade de criar aproximações teóricas entre cotidiano e natureza, se fez necessário dialogar com outros autores que auxiliassem no entendimento dos temas enquanto assuntos que não fossem separados, visto que, nós humanos também fazemos parte da natureza. Neste sentido, alguns autores além de Georges Perec, também procuraram entender o cotidiano e a natureza, entre eles, nos aprofundamos na pesquisa de Maurice Blanchot em seu texto *A conversa infinita* (2007), e nos livros do filósofo Emanuele Coccia, *A vida das plantas* e (2018) *Metamorfoses* (2020). Além dos estudos teóricos, conhecimentos compartilhados de maneira oral vivenciados por cada pesquisador, foram utilizados como disparadores para as ações poéticas produzidas através de diversas linguagens artísticas como desenho, fotografia, vídeo, e escrita poética, tentando ao máximo, integrar a nossa poética aos espaços, para que, tal como o ato de plantar, a pesquisa tivesse autonomia, em consonância com os objetos pesquisados: incontroláveis, orgânicos, diversos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As leituras do autor Georges Perec nos instigaram a desacelerar nosso olhar, foi preciso observarmos de um modo mais minucioso pequenos acontecimentos que se passavam dentro dos espaços que ficam entre a casa e a rua e que não eram notados por inteiro. Foi preciso ir mais fundo, olhar além do que está posto, enfiar-nos no emaranhado do cotidiano, estar imerso na experiência. Exercitar ao máximo o que o autor Georges Perec chama de infraordinário:

Interrogar o habitual. Mas, justamente, estamos acostumados com ele. Nós não o interrogamos, ele não nos interroga, não parece ser um problema, nós vivemos sem pensar, como se ele não transmitisse nem pergunta, nem resposta, como se ele não carregasse nenhuma informação. Não se trata



nem mesmo de condicionamento, é a anestesia. Dormimos nossa vida em um sono sem sonhos. Mas onde está a nossa vida? Onde está nosso corpo? Onde está o nosso espaço? (PEREC, 2020, p.34).

Compreendemos que viver no mundo significa nunca estar em isolamento, nós nos comunicamos com milhares de organismos e vivenciamos os rastros de outros, nós moramos em casas que outras pessoas moraram ou construíram, vivemos em uma terra que povos indígenas cultivaram. O pó do cupim, o mofo na parede, os pêlos dos gatos caídos no chão, os latidos dos cães, as plantas, o ar, tudo o que os outros construíram sempre está nos atravessando, para Coccia “Viver é essencialmente viver da vida de outrem: viver na e através da vida que outros souberam construir ou inventar” (COCCIA, 2018, p. 14). Nessa perspectiva, estamos sempre em contato com muitos organismos vivos, Bruno no jardim, e Larissa na varanda, respiramos o mesmo ar, sentimos o calor do mesmo sol, moramos no mesmo planeta, vivemos na mesma cidade, nossas casas estão sob o mesmo solo, e as separações são apenas geográficas, sendo assim, habitar se realiza no encontro com o outro, e essas relações são opostas à ideia de existir uma ordem doméstica¹.

Por isso, o processo de pesquisar o cotidiano, não é meramente contemplar o que foi percebido, é um processo ininterrupto de compenetração na vida, todos os caminhos percorridos fazem parte de um processo fluído que primeiramente é vivido de forma recíproca entre os organismos, e que o resultado dessa experiência é filtrado por uma metodologia a fim de buscar a poética do processo. Neste sentido, mesmo quando não nos atentamos ao cotidiano, ainda estamos imersos em múltiplas relações que não são desencadeadas pela ação de contemplação ou de uma determinação espacial.

[...] se o estar-no-mundo é imersão, pensar e agir, trabalhar e respirar, se mexer, criar, sentir serão inseparáveis, pois um ser imerso tem uma relação com o mundo não calcada na que um sujeito mantém com um objeto, mas na que uma água-viva mantém com o mar que lhe permite ser o que ela é. (COCCIA, 2018, p. 36).

A perturbação dessas ordens e as tensões causadas pela pesquisa se deram também no campo conceitual do que se costuma chamar de ateliê. Nesse momento, o jardim e a varanda já haviam se transformado em ateliê, ou melhor, a ideia de ateliê tinha sido perturbada para nós, se pensarmos no modo de produção da arte, na contemporaneidade, e como os espaços forçaram um alargamento do que entendíamos como linguagens artísticas tradicionais, perceberemos como isso afetou também geograficamente o espaço do fazer artístico e com isso, há a necessidade de também ampliar o lugar que acolhe a feitura do que é a produção contemporânea. Conforme Silva, o ateliê:

¹ Ordem doméstica para Emanuele Coccia significa um conjunto de ordens em um espaço onde indivíduos e objetos respeitam uma disposição a fim da produção de utilidade.



[...] se caracteriza, então, como fluxo e, para além de suas dimensões espaciais adquire, também, aspectos temporais. Muito mais do que entre, ou sem paredes, o ateliê contemporâneo se caracteriza pelo fluxo de tempo e de pessoas, trânsito e a troca com o outro. Se a contemporaneidade discute o ser exclusivo e induz a pensar um ser múltiplo e provisório, provisoriedade e processo, são instâncias a serem valorizadas, tornando-se evidentes. (SILVA, 2011, p. 72).

Logo, o jardim e a varanda foram também, sala de estudo, laboratório de pesquisa, lugares outros que atravessavam a função do lugar que era, até então, abrigar plantas e animais. Conviver de um modo diferente nesses espaços, naturalmente nos fez questionar a natureza do lugar, o jardim e a varanda deixam de ser jardim e varanda quando viram ateliê? O que dá utilidade para um espaço?

Coccia apresenta o conceito de *lar* enquanto algo que respeita uma ordem doméstica e que isso produz uma utilidade, ou seja, uma sala ou um quarto vazio, são apenas espaços vazios, e só se tornam habitáveis a partir do momento em que eles tomam significados a partir dos objetos que se tem em seu interior. Neste sentido, o autor coloca: “É a cama que compõe o quarto, a mesa de jantar que compõe a sala de jantar, os pratos, o forno e as panelas que transformam um retângulo abstrato em uma cozinha”(COCCIA, 2020, p.5).

Pode-se entender então, que a habitabilidade de uma varanda e um jardim não depende dos objetos que se tem nela, mas essencialmente de sua estrutura entreaberta, que possibilita o acesso com inúmeros organismos vivos, o espaço que fica dentro e fora, entre o lar e a rua, o habitar se realiza no encontro com o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo não procurou encontrar resultados fixos, mas investigar os fios soltos e as incertezas de organismos vivos e orgânicos, assim como um plantador que no ato do plantio se lança à incerteza de não saber se o que plantou nascerá, já que entende o lugar onde se planta como um espaço atravessado por conflitos, possibilidades e relações que podem mudar os resultados, dando então margem para que nós pudéssemos experimentar diversas linguagens, entendendo, então, a pesquisa e os encontros como mais um nó de uma rede de conhecimento construída de forma compartilhada.

A pesquisa possibilitou, ainda, uma ampliação dos territórios de atuação, durante o período de estudo, promovemos o curso *Como desenhar pedras (e outras infranaturezas)* proposto pelos integrantes do grupo de pesquisa sob forma de um projeto de extensão. O curso teve como objetivo ser um laboratório de desenho doméstico remoto que aproximasse as artes visuais e a natureza nas vivências cotidianas dos participantes a partir do conceito de extraordinário elaborado por Georges Perec.

REFERÊNCIAS:

BLANCHOT, Maurice. A fala cotidiana. In: **A conversa infinita 2: a experiência limite**. São Paulo: Escuta, 2007. p. 235-246.



COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

COCCIA, Emanuele. Revertendo o novo monasticismo global. Texto publicado em Fall Semester, 21 de abril de 2020. Trad: Mariana Silva da Silva . **Grupo Flume**. Disponível em: <http://grupoflume.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Coccia_Monastico.pdf>. Acesso em outubro de 2020.

PEREC, Georges. Aproximações de que? Trad. Mariana Silva da Silva: **Grupo Flume**. Disponível em: <http://grupoflume.com.br/wp-content/uploads/2020/08/Aproximacoes_de_que.pdf>. Acesso em janeiro de 2021.

PEREC, Georges. **L'infra-ordinaire**. Paris: Seuil, 2011.

PEREC, Georges. **Lo infraordinario**, Madrid: Impedimenta, 2017.

PEREC, Georges. **Tentativa de esgotamento de um local parisiense**. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

SILVA, Mariana. **Zonas de contato** : ressonâncias da natureza no infraordinário. Porto Alegre: Tese de doutorado. Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul), 2018, 295 pp.

SILVA, Fernanda Pequeno da. Ateliês Contemporâneos: possibilidades e problematizações. In: **Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. 56. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro, p. 59-73. 2011. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cc/fernanda_pequeno_da_silva.pdf>. Acesso em janeiro de 2020.